



9º Congresso de Pós-Graduação

DIREITOS HUMANOS: A ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA UM MUNDO QUE TENHA SIGNIFICADOS

Autor(es)

ELIANE APARECIDA ANDREOLI

Orientador(es)

MARIA INES BACELAR MONTEIRO

1. Introdução

Este artigo tem como propósito apresentar reflexões a respeito da constituição da subjetividade de alunos com deficiências (física, mental, múltipla ou sensorial), que frequentam uma oficina de artes, em uma instituição do Estado de São Paulo.

Tal oficina, denominada História em Cores é oferecida duas vezes por semana e tem duas horas de duração.

Comparativamente a outros grupos que frequentam a instituição, os alunos pesquisados apresentam a seguinte singularidade, que os diferencia dos demais: não se comunicam entre si, nem com os monitores da oficina, além disso não realizavam as atividades propostas.

Essa situação intrigou-me e levou-me à busca de conhecimentos que permitissem compreender de que modo eu poderia intervir para a mudança de tais comportamentos relativos ao grupo.

2. Objetivos

O contato com os estudos realizados por Padilha (2007) e em seguida com as pesquisas realizadas sob a perspectiva histórico-cultural levou-me a pensar sobre o papel que as oficinas de arte podem desempenhar no que diz respeito à constituição desses sujeitos. E, dessa forma, passei a considerar os seguintes questionamentos: de que modo oficinas de arte podem colaborar para o processo de significação e conhecimento de mundo e de si mesmo, em relação a pessoas deficientes?; como provocar mudanças nas relações entre alunos deficientes, seus professores e outras pessoas com as quais convivem?

3. Desenvolvimento

O pressuposto é que as atividades oferecidas nas oficinas podem constituir um instrumento de mediação com o mundo simbólico. Desse modo, as ações dos professores e os sentidos atribuídos por estes às ações dos alunos é que ajudarão na constituição dessa significação.

Na relação intersubjetiva, os sentidos são construídos e se convertem em intra-subjetivos, ou seja, passam a constituir o sujeito (PINO,

2005, p. 02)

Ressaltamos o seguinte: as características biológicas presentes no nascimento de uma criança deficiente conferem-lhe uma relação peculiar com os outros de seu grupo social, porém, não determinam por si só o destino da criança. O destino depende das relações que se estabelecerão com os outros.

O grupo observado e que motivou a esse estudo é constituído de cinco indivíduos, duas moças e três rapazes. As moças têm como diagnóstico deficiência intelectual, e os três rapazes foram diagnosticados como autistas. Com idades variando entre 25 e 30 anos. Convém explicar que são os próprios alunos ou seus familiares que fazem a escolha da oficina da qual desejam participar. E essa escolha quase sempre gira em torno dos interesses, preferências e habilidades pessoais. Dadas as dificuldades observadas, suponho que no caso destes alunos a que me refiro, a escolha da oficina História em Cores tenha se dado para atender as necessidades de horário do familiar responsável por trazê-los e buscá-los, ou em decorrência da disponibilidade de vaga. E isso parece ter contribuído muito para o desinteresse notado.

Esse conjunto de situações e atitudes experimentadas pelo grupo, a meu ver constitui uma situação peculiar e pode provocar o desinteresse dos alunos. . Creio ser essa uma das razões pelas quais não percebo o quanto de consciência eles tem de si mesmos. Essa condição nega-lhes os direitos elementares de pessoas humanas, situadas histórica e socialmente.

No Brasil já há um movimento de luta, de resistência, articulado por grupos que estão atentos, visando reverter a situação vigente, isto é, a pouca atenção dadas às pessoas deficientes. Já se reconhece oficialmente a Convenção Internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência. Cito como exemplo legal o decreto n. 6949/09 de 28 de agosto que diz:

O propósito da presente Convenção é o de promover, proteger e assegurar o desfrute pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por parte de todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua inerente dignidade (BRASIL, 2009).

4. Resultado e Discussão

Retomando ao grupo focado, minhas conjecturas são de que esse grupo recebeu por parte da família, alimento, vestuário, leito, alguma instrução. Então, de algum modo os participantes foram introduzidos no meio social. Mesmo que primariamente, conhecem os hábitos culturais. Em algum momento, o pai ou responsável lhes disse como se comportar. Identifico, por exemplo, situações nas quais isso se evidencia. “Postura”, mesmo que efetivamente estejam alheios às orientações propostas na oficina; permanecem sentados durante o período em que as atividades se desenvolvem; observo alguma tentativa em compreender o que é solicitado; aguardam o término do horário. Tentando compreender a problemática levantada a partir da observação direta do grupo, procuro sustentar minhas suposições recorrendo a opiniões especializadas. A citação seguinte parece-me capaz de contribuir com minhas idéias.

Se, ao nascer, o bebê humano é um ser totalmente desprovido dos meios simbólicos necessários para ingressar no mundo da cultura construído pelos homens e assim ter acesso à condição humana, parece razoável imaginar que ele só possa ingressar no mundo da cultura por intermédio da mediação do outro (o que implica necessariamente a sua progressiva inserção nas relações humanas e nas práticas sociais) (PINO, 2005, p. 54).

Penso que tomando comparativamente a situação do grupo observado, com o que diz Pino, é possível supor que o grupo estudado encontra-se desprovido de acesso aos bens culturais. Ao observá-los em conjunto, alheios uns aos outros, levanto a hipótese de que não se apropriaram de elementos simbólicos suficientes para estabelecerem contato recíproco e, principalmente, consigo mesmos. Isso pode indicar um não reconhecimento enquanto pessoa .

A oficina História em Cores tem como propósito a associação entre a narrativa de uma história e a construção (interpretação) correspondente por intermédio de uma ilustração. E, ainda, a interpretação dos signos narrados nas histórias e dos conceitos artísticos básicos. Para isso são necessárias quatro etapas: 1ª. A narrativa de uma história feita pelo professor ou por um dos alunos e/ou a leitura de imagem apresentada; 2ª. Comentários a respeito do entendimento da história ou imagem; 3ª. Criação de uma ilustração a partir do entendimento já discutido; 4ª. Depois de realizada a ilustração os alunos deverão fazer a defesa de sua criação.

Pelas observações que fizemos a constituição da oficina não foi suficiente para despertar o interesse e a participação do grupo de alunos mencionados. Diante disso, deduzo que as atividades não são realizadas pelo grupo porque as funções psicológicas superiores não estão em total funcionamento: Será necessária, então, a constituição de uma linguagem específica para reverter essa situação “porque a linguagem organiza a expressão e a expressão organiza a linguagem, numa interrelação e interdependência que são básicas” (PADILHA, 2007 P. 05).

Evidenciada a necessidade de intervenção, optamos pela linguagem gestual e a utilização de movimentos como meios de mediação. As ações seguintes seriam desenvolvidas por intermédio de um jogo com a utilização de bola, uma pequena bola de plástico, leve. O procedimento é o seguinte: a professora joga a bola para cada aluno e o aluno deve retribuir, devolvendo a bola. O exercício é realizado com cada um dos cinco alunos; eles estão motivados, querem participar. A atividade escolhida privilegiou o gesto, o movimento como elo de comunicação.

A educação, segundo a perspectiva de Leontiev tem a função de apresentar os bens culturais, o funcionamento e a reflexão a respeito

das coisas. Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem, no sentido antropológico do termo. É lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana (LEONTIEV, 1978, p. 267).

Para introduzir o conceito de arte que fundamenta meu trabalho selecionei o seguinte trecho da fala de Bueno.

A Arte também deve estar preocupada com as questões que envolvem a expressão pessoal de valores, sentimentos, relações, cognição e significações, visto que envolvem subjetividade, já que somos seres de linguagem. Arte como elemento articulador na formação das pessoas com deficiência, que carregam consigo os fatores biológicos, sociais, culturais, psíquicos e o histórico. Assumo-me, com essa visão da Arte, o sujeito participante de uma realidade contextualizada, onde esta pode ser elemento importante na sua constituição, interação e formação do ser humano (BUENO, 2002, p. 09).

A Arte, por sua natureza polissêmica, permite comunicação com qualquer pessoa. O uso das cores, linhas e formas poderá traduzir por intermédio da manifestação estética, emoções e sentimentos, estabelecendo assim significações únicas, contribuindo para a constituição da subjetividade do grupo submetido ao contato com o fazer artístico.

Defendo a seguinte hipótese: a oficina ao promover o aprendizado da arte, pode ser uma excelente ferramenta colaborativa no processo de desenvolvimento de pessoas com deficiência.

A oficina de arte pode possibilitar que as experiências artísticas vivenciadas convertam-se em processos reflexivos, significativos e mobilizadores, para garantir autonomia num futuro próximo.

Tendo como objetivo inicial criar condições de comunicação, o procedimento metodológico adotado foi o seguinte: iniciou-se com um jogo utilizando bola. A professora joga a bola para cada aluno sucessivamente e observa. Os alunos estão animados. Alguns movimentam o corpo para alcançar a bola, outros ainda não, apesar da expressão facial indicar contentamento por estar na brincadeira.

Quando vão devolver a bola à professora são vários os processos mentais mobilizados. Cito como exemplo as atitudes de uma das moças participantes do grupo, aqui identificada por “Re”. Visivelmente feliz, ela manifesta seu estado por intermédio do sorriso e pela ansiedade expressada no rosto. Olha para a professora, faz menção de que está estudando em qual ponto jogar a bola, seu olhar é fixo na direção do rosto da professora. Enfim lança a bola, que devido ao esforço do lançamento e a pouca coordenação da jogadora vai parar muito distante do “alvo”, a professora.

Isso quer dizer que ainda não houve conexão entre o olhar e o movimento da mão ao impulsionar a bola. Noto que o grupo, mesmo de modo rudimentar experimenta sensações que mais adiante podem estar relacionadas à idéia de conhecimento.

Conhecer não é descobrir verdades, mas é relação entre os sujeitos e os objetos do conhecimento – relação entre os sujeitos e os objetos do conhecimento-relação que acontece nas interações por meio da mediação da palavra (PADILHA, 2003, p. 07).

Além do aspecto lúdico subjacente em praticamente todas as atividades proposta para o grupo de alunos deficientes, a oficina de arte também é um espaço educacional. Deve assumir a responsabilidade de oferecer acesso diversificado aos bens culturais. Promover a elaboração conceitual dos signos relativos à linguagem artística, mas não bastando isso. Para esse grupo de alunos, a oficina como espaço social deverá mediar as relações, ampliando o desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores.

Ressalto, ainda uma vez, que este grupo é formado por pessoas que receberam pouca ou nenhuma escolaridade. Diante disso, a ação da oficina implica em assumir maior responsabilidade, pois por seu intermédio o grupo deverá ter acesso a diferentes tipos de conhecimentos. E mais, a oficina pretende proporcionar relações comunicacionais entre alunos e entre estes e seus professores, permitindo que o grupo desenvolva processos significativos.

Anexo apresento três imagens gráficas elaboradas pela aluna “Re” a fim de acompanhar suas realizações artísticas a partir do início do trabalho realizado. Na figura 1 apresentamos uma atividade artística do início da oficina. Podemos observar os seguintes elementos: traços e cores vigorosos; linhas e cores se sobrepõem. Tendo acompanhado com atenção a elaboração (construção) dessa imagem chego à seguinte conclusão: a aluna produziu algo resultante apenas do impulso motor. Pude observar que de posse do papel e dos lápis, “Re” não demonstrou intenção objetiva, nem reflexão; a imagem não denota elaboração conceitual.

As figuras 2 e 3 se apresentam de modo diferente da primeira. Reconheço um trabalho positivo em relação ao método adotado. Isto é, a opção por trabalhar inicialmente com a linguagem gestual e o estímulo a movimentos motivou a aluna a participar das atividades. Sua participação na atividade resultou em processo significativo para ela. O exercício proposto antes do desenho, a prática com bola, o jogo, fez sentido para a aluna. E isso se reflete na imagem produzida. Produzir cultura é atribuir significados às coisas, as que o homem encontra prontas na natureza, e as que produz, agindo sobre elas.

Assim, as figuras 2 e 3 demonstram certa aprendizagem, elaboração no processo construtivo da ilustração. Percebemos linhas com construções diferentes, complexas; curvas, formas fechadas, exploração do espaço. E por estes indícios gráficos creio ser possível afirmar (como justificativa) que a aluna estava concentrada na atividade e tinha em mente um propósito, buscava representar um sentimento.

5. Considerações Finais

Ensino é partilhar, depende da escuta dos adultos (professores); depende da parceria que travamos.(...).Somos parceiros sociais na elaboração dos conceitos. Que perguntas fazer? De que conhecimentos partir para ampliá-los e/ou transformá-los? Quanto

conhecemos sobre os conhecimentos de nossos alunos? ... Que compromisso queremos assumir quando elaboramos o conceito de prática pedagógica como prática social? (PADILHA, 2003. P.12).

Penso que a referência acima se coaduna com nosso propósito de oferecer a alunos com deficiência oportunidades de convívio social, aprendizagem e aquisição de conhecimentos.

Com base nas análises concluo que para ela as atividades fizeram sentido. Percebo que a mudança no traço e o uso das cores não são mais aleatórios. Posso considerar que houve, de fato, um processo de significação.

Referências Bibliográficas

BUENO, R.P folder institucional do CIAD. Atividade Extensionista PUC Campinas: 2003

_____. A Arte na Diferença: um Estudo da Relação da Arte/Conhecimento do Deficiente Mental. Tese de Doutorado. UNIMEP. Piracicaba, 2002

BRASIL, Republica Federativa. Lei 6569/09 de 25 de agosto de 2009

LEONTIEV, A. O Desenvolvimento do Psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978

PADILHA, A M L. Praticas Pedagógicas na Educação Especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. Campinas: Editores Associados, 2007. 3ª edição

_____. Elaboração Conceitual: Papel Fundamental da Escola. Revista Acta - Ciências Humanas. vol. 1 n.4 2003

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski, Revista Educação e Sociedade, n. 71 CEDES, julho de 2000

_____. As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski. Cap. I e II. São Paulo: Cortez, 2005

Anexos



